

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro--Domingo 27 de Abril de 1879

N. 22

O ARTISTA

Desterro, 27 de Abril de 1879.

As artes VI

Meditemos, um pouco, na arte de falar, essa arte tam importante quam desprezada entre nós.

Estudam-se o francez, o allemão, o inglez, o latim, o grego, o italiano, etc.; mas (oh dor,) não se-estuda a lingua materna !!!!

Até já houve quem dissesse que a lingua portugueza devêra ser substituida pela tupy, que é (dizem) a verdadeira lingua do Brasil !!!!

Risum tenentis...

Então façamo-nos selvagens, ou formemos um novo idioma, que demasiado deficiente nos fóra o dos indigenas.

Mas fazermo-nos indigenas, é impossivel: mão grado nosso, gyra em nossas veias o sangue europeu.

Esgotal-o é impossibilissimo, sob pena de succumbirmos.

Fazermos nova lingua...para que ?

Quando temos uma já feita, tam pittoresca, tam poetica, tam rica, sem con-

tradicção uma das mais bellas das linguas mais cultas da velha Europa ?

Demais, cumpre observar que as linguas são obra do tempo.

Que importa nos fosse o idioma legado pelos portuguezes ?

Nesse caso abandonai a religião abandonai a civilisação, que, boa ou má, herdámo-la dos portuguezes.

A arte de falar como todas as artes, é de grande poder.

Que é da poesia, da oratoria, das sciencias e linguas estrangeiras sem o estudo da lingua patria ?

Desgraçadamente, entre nós, é geral o desprezo dos classicos; mas como saberemos a lingua sem o cultivo da litteratura classica ?

Observai os melhores escriptores assim de Portugal como do Brasil, e reconhecereis que elles compulsaram as obras classicas.

Um Castilho, um Herculano, um Rebello da Silva, um Garrett, um Lopes de Moura, um Sotero dos Reis, um Odorico Mendes, um João Francisco Lisboa, um Gonçalves Dias, um Magalhães, um Laurindo Rabello são a prova do meo asserto.

Tudo afrancezam, mas não imitam o francez—macaqueiam-n'o !

Os francezes estudam a sua lingua (honra seja-lhes feita) e de maneira alguma soffrem peregrinismos.

Ouçamos, agora, ao grande Filinto:—

« Um francez q'ouve um lente vene-
(ran-do

Tractar com mão devota os sabios livros De Fenelon, Racine, quando explica Seus ornados conceitos, não desdenha, Não moteja do auctor que lhe dá fama Nos arredados climas, nem do alumno Que caminhando ao templo da Memoria, Leva por fóros, leva por serviços A nobre imitação de bons modelos, E na phrase imitada o cunho antigo.

(Filinto, Arte poetica.)

Ouçamos, tambem, ao immortal Garrett:—

« Deixar falar modernos e moderninices, petimetres e neologistas de toda especie: o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação publica não pode sem vergonha ignorar as bellas lettras e os classicos. Saiba elle mathematica como Laplace, mais chimica do que Lavoisier, mais botanica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia politica do que Smith e Say, mais philosophia de legislação do que Montesquieu e Brentham

FOLHETIM 3

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

POR

ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

Como não queria que me succedesse o mesmo que pela manhã, descarreguei a espingarda e lavei-a. Estava suja que não pôde fazer uma idéa, eu tinha disparado n'esse dia os meus cincoenta tiros, e, se o chumbo fosse coisa que nascesse, tinha eu feito uma sementeira mestra de Marselha até Saint-Cyr. Depois, tomada essa precaução, metti o cano na chaminé para seccar de noite; ceiei, deitei-me e dormi, a bom dormir, até ás cinco da

manhã. A's cinco horas da manhã acordou-me o estalajadeiro.

Como eu tencionava voltar a Marselha pelo mesmo caminho por onde viera, tomara de vespera a precaução de encher a minha bolsa de caça com os restos da minha ceia. —Estava no meu direito, que eu tinha de a pagar. —Puz a minha bolsa de caça a tiracollo, armei a espingarda, e tirei o meu polvarinho para a carregar; o polvarinho estava despejado.

Felizmente o estalajadeiro tinha munições. Entre caçadores bem sabe que a polvora e o chumbo são coisas que se offerecem e se acceitei, eu devia ter feito reparo na maldita polvora, mas não fiz. Partimos, eu, o estalajadeiro e Solimão. O cão do estalajadeiro chamava-se Solimão, e o seu sr. Jadin, como se chama?

—Chama-se Mylord, respondeu Jadin.

—E' um bonito nome, continuou o sr.

Louet inclinando-se, mas o cão do estalajadeiro não se chamava Mylord, chamava-se Solimão. Era um bom cão, isso era, porque apenas estavamos nos tojaes. ahi estacou elle firme que nem uma rocha. —Lá está o *chastre*, disse o estalajadeiro.

Effectivamente approximei-me, olhei, e vi o meu *chastre* a tres passos. Fiz-lhe logo pontaria.

—Que vai fazer? gritou o estalajadeiro. Olhe que o faz em picado, e demais a mais pode-me ferrar uma chumbada no cão.

—E' justo, respondi eu.

E recuei a dez passos, boa distancia. Solimão estava pregado no chão que nem o cão de Céphalo. Sabem que o cão de Céphalo foi mudado em pedra.

—Não sabia, respondi eu sorrindo.

—Pois teve essa desgraça.

se elle não for o que os inglezes chamam a *good cholar* triste figura ha de fazer falando ou seja na barra, na tribuna, no pulpito—tristissima escrevendo, seja qual for a materia, porque não ha assumpto em que as graças do estylo e a correccão da phrase e belleza da dicção não sejam necessarias e indispensaveis.

Ponham-me Demosthenes, Cicero, e Canning tambem—com seus grandes talentos, fortes de chimicas e economias politicas e com todos os codigos de suas respectivas nações na cabeça, mas desprovidos de suas immensas riquezas litterarias, do irresistivel feitiço de sua linguagem classica—ponham-m'os no Areopago de Athenas, no senado de Roma, e na camara de Londres, e veremos se são os mesmos homens, os mesmos estadistas, os mesmos oradores omnipotentes, diante de quem tremem os Philippes, os Catilinas e as Santas alianças. Escreva alguem com dobrada erudição e ingenho o *Espirito das Leis*, mas sem os encantos do estylo classico de Montesquieu, e veja quantos lh'o lêem. Traduzam em lingua de tarellos as obras de Plutarco, de Cicero, de Buffon, de Laplace, e veremos quantos leitores têm ».

(Garret, Da educação.)

Assim pois, só é poderosa a arte de fallar quando se baseia no uso dos classicos.

Estudai-os, cavi essa mina riquissima e mais brilharão os vossos pensamentos em uma expressão mais energica, mais viva e efficaz.

Não mendigues do estrangeiro, quando tendes em vossa casa tamanho thesouro.

S. José 20-3-79.

W. BUENO.

—Pobre animal! disse Méry.

—Solimão, como digo, estava firme que nem uma rocha. Ainda hoje lá estaria, se o dono lhe não gritasse: Salta! salta! A esta palavra elle dá um pulo, o *chastre* voa, eu faço-lhe pontaria... que pontaria! Disparo. A polvora não prestava. Nada!

—Oh! visinho, disse-me o estalajadeiro, se todo o mal que lhe fizer fôr esse, olhe que é capaz de ir até Roma atraz d'elle.

—A Roma! disse eu. Pois ainda que tenha de ir a Roma, hei de seguil-o. Tive sempre vontade de ir a Roma, tive sempre vontade de ver o papa! Quem me pôde impedir de ver o papa?... O senhor?... Eu estava furioso, imagine... Se elle me respondesse a minima coisa parece-me que lhe ferrava o segundo tiro da espingarda...—Ah! disse-me elle,

BIOGRAPHIA

Artistas illustres do Brasil

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

POR

LELY SANTOS

MANOEL DIAS.

L'artiste n'est purement subjectif;
il est aussi objectif; il donne e recoit

(TH. GURTRIE)

III

Houve um pintor brasileiro a quem chamavam por alcunha o *romano*, que senão conquistara tanta fama e renome como hoje Pedro Americo e Victor Meirelles, foi todavia um artista celebre cujo nome não poderia sem injustiça deixar de figurar no cathologo dos que, por seus talentos, trabalhos e virtudes, se tem immortalizado.

Esse artista foi Manoel Dias, o *romano*, nascido em meados do seculo XVIII na hoje extincta Villa de Macacú, pertencente ao Rio de Janeiro. Nada se sabe ao certo acerca da descendencia deste nosso compatriota porem conhece-se que nascera de pais pobres.

Vindo para a cidade do Rio de Janeiro dedicou-se á arte de ourives, em que em pouco tempo deu provas de sua extraordinaria habilidade.

Considerou, porem, que seria mais feliz na pintura, para o que conhecia natural vocação. Projectou por consequencia fazer uma viagem a Lisboa onde pretendia entregar-se aos estudos respectivos.

Mas, sem ter meios para effectuar a longa viagem, veria morrerem todos as suas luminosas aspirações se não encontrasse um bemfeitor que o auxiliou para a realisação de seus intentos.

Um negociante que admirava alguns de seus trabalhos de ourivezaria o levou para a cidade do Porto. Morrendo, infelizmente o dito negociante pouco tempo depois, Manoel Dias ficou em tal estado de penuria que foi preciso sujeitar-se a ser creado de outro que estivera no Brasil.

O infeliz fluminense sempre o mesmo: animado e resignado supporta os azares de sua sorte ingrata, até que um dia novo horizonte se descortinasse ás suas vistas.

Achou-se finalmente em Lisboa em companhia de seu amo. Ahi encontrou a protecção de um digno cavalheiro que o mandou estudar na Casa Pia matriculando-o depois na Academia de Castello.

Eil-o já em outra posição graças a sua inabalavel perseverança.

Logo no começar de seus estudos, Manoel Dias manifesta a sua vocação para a arte de pintura; tanto que pelos seus rapidos progressos foi mandado para Roma afim de adquirir melhores e mais largos desenvolvimentos. Teve então ahi por professor Pompeu Battoni.

Volta a Portugal; e já ia adquirindo uma bella reputação quando de novo a desgraça o vem perseguir!

O exercito francez sob as ordens do general Junot invadio o reino de Portugal em Novembro de 1807, entrando em Lisboa ás 7 horas da manhã no dia 30 do mesmo mez, isto é, um dia depois de haver embarcado para o Brasil a familia real.

Opovo ficou completamente consternado e em grande estado de inquietação, os cofres vazios e os empregados sem recursos; emfim a opulenta Lisboa figurava um espectáculo horrivel. Foi por essa occasião que o artista Manoel Dias retirou-se para Genova onde experimentou os maiores rigores da miseria e da fome.

pôde ir aonde muito bem quizer, boa viagem. Se quer o cão, leve-o, e deixe-m'o aqui á volta.

Não era para recusar, um cão tão bem ensinado.

—Quero sim, disse eu.

—Pois então chame-o.

—Solimão! Solimão! disse eu.

Toda a gente sabe que um cão de caça segue o primeiro caçador que lhe apparece. Solimão seguiu-me. Partimos. Solimão era o instincto em pessoa. Imagine: tinha visto poisar o *chastre*, foi logo direito ao sitio; mas eu é que nao vi nada. D'essa vez, ainda que tivesse de o pulverisar, não lhe perdoava. Nada. Emquanto o procurava, assim curvado, o diabo do *chastre* voa. Ferro-lhe os meus dois tiros! Pan! pan! A polvora não prestava. Solimão olha para mim como quem

diz: Então que quer dizer isto? O olhar d'esse cão humilhou-me. Respondi-lhe como se podesse entender-me:—Não faças caso, agora é que tu vaes ver. Pois senhor, parecia mesmo que me entendia. D'ahi a dez minutos, estaca. Uma pedra uma verdadeira pedra! Era o *chastre*... Passou-me litteralmente por entre as pernas. Não tive bem tento em mim. Da primeira vez atirei-lhe, estando ainda muito perto, da segunda estando ainda muito longe; da primeira vez o chumbo fez bala e passou ao lado do *chastre*, da segunda vez espalhou-se, e o *chastre* escapou pelo meio. Foi então que me succedeu uma d'estas coisas que eu não devia repetir, se não fosse tão veridico.

Continúa

Restabelecida a paz em Portugal, com a retirada do exercito francez depois da batalha de Vineiro e da convenção de Cintra, o misero artista voltou à Lisboa.

Tempo depois regressou para a sua patria nomeado professor regio de desenho e pintura para a cidade do Rio de Janeiro, onde, em sua casa, estabeleceu a aula do rei, tendo por discipulos Manoel José Gentil, Francisco Pedro do Amaral e outros.

Depois da epocha de 1831, já velho e abatido retirou-se para a (hoje) cidade de Campos, onde desgostoso pela ingratição dos seus contemporaneos, terminou seus dias, deixando numerosa familia.

Varios quadros seus que deixou attestam senão um genio, ao menos—consideravel e effectivo alimento, civilizador do Brasil como habil mestre de dezenho e pintura—no diser de um dos nesses illustrados escriptores.

FIM

LITTERATURA

A caverna maldita

Novella

POR ...

III

Na frente d'esta gente, como servindo de guia, caminhava um homem de estatura gigantesca; atrás d'elle vinham outros dez, formando duas alas de cinco homens cada uma, armados de punhaes e carabinas, tendo cada um o seu archote.

Fechava esta marcha, um individuo embuçado em uma capa escura, acompanhado por quatro homens tambem armados de espinguardas e sabres.

Esta procissão medonha passou silenciosa sob a arvore onde me tinha occultado, e continuou a embrenhar-se pelo bosque.

Desci da arvore, e caminhando com precaução para não ser presentido, segui de longe esta gente.

Tive occasião de ver que esses homens já tinlão por ahi passado mais de uma vez, porque o caminho que seguíamos, apesar de tortuoso mostrava ter sido feito para esse fim.

Muitas vezes ouvia um arruido nas arvores, erão os passaros que fugião amedrontados pelo clarão dos archotes.

O silencio da noite que até então era profundo, estava agora interrompido pelo murmurar de uma estrepitosa cachoeiras que corria no fundo de um abysmo escurissimo.

A procissão desviou-se do caminho que seguia, e tomou um trilho que ficava entre dous rochedos perpendiculares.

Passados alguns minutos, esses homens pararão em frente de uma gruta, e erguendo os seus braços armados de punhaes e carabinas, formarão um arco, por onde passou o individuo que ia embuçado na capa escura.

Depois entrarão todos, á excepção de um, que ficou de sentinella á entrada da gruta.

Forçoso me foi parar sem poder penetrar, como era meu intento, naquella mysteriosa caverna.

Temendo não ser visto pela sentinella, occultei-me atrás de umas pedras, deitando-me sobre umas folhas seccas, que o vento para allias tinha arrojado.

Momentos depois, um arruido longinquo chegou aos meus ouvidos. Puz-me a escutar.

Era do interior da caverna que esse arruido sahia. Entoavão um canto grosseiro, acabando sempre por palavras injuriosas; depois ouvia-se o tinir dos copos acompanhado por gritos desbragados.

Continúa

POESIAS

Testamento de Christo

Soneto

dedicado ao Ill^{mo}. Rev^{mo}. Sr. vigario
FRANCISCO PEDRO DA CUNHA.

Ecce mater tua, ecce filius tuus.
(Do evangelho.)

Legar o Christo á mãe que poderia
Senão saudades, luto e pranto amaro?
Quando o mundo lhe foi de tudo avaro,
Ac dilecto João que deixaria?

Deixa o filho (e que filho!) á madre pia;
Deixa a mãe (e que mãe!) ao filho caro;
E que thesouro mór, mais fino e raro
Podéra herdar João do que Maria?

E póde a mãe lograr mais doce abrigo
Q' um filho digno de fazer-se amado?
O' vós que padeceis, pensai comigo!

Não choreis, não choreis o vosso fado,
Si tendes mãe, ou filho, ou certo amigo:
Que são estes, na terra, o mór legado!

Praia, Comprida 11 de Abril de 1879

W. BUENO.

A BACCHANTE

POEMETO

POR

HORACIO NUNES

III

—« Quem pó le retratar-te? —A mão vacilla,
é pessimo o pincel, grosseira a tēla
para pintar teu rosto,—que scintilla
de belleza e de amór,—pallida estrella!

« Dos jardins rescendentes das Hespanhas,
sob o céu—todo azul—de Andaluzia,—
voluptuosa a correr terras estranhas,
és um astro de luz—em pleno dia....

« Tens os cabellos nēgros da hespanhola,
nos olhos— a valupia, que fascina,
quando cantas tangendo a castanhola
nos requiebro da dança peregrina!

« Tens um sorrir nos labios—tam lascivo...
nos olhos com langôr—tam fascinante...
—hespanhola gentil, sou teu captivo...
da tua languidez—cantor e amante!....

« Oh! não dances assim,—que me arrebatas...
não me-fictes assim—com tanto fôgo...
nas formas primorosas,—que recatas
sob a fina cambraya,—o olhar affôgo...

« Quem me-déra dormir n'esse teu cóllo,
ao som d'harmoniosa castanhola,
nos teus beijos de amor—achar consolo
à vida, que me-dôc, minha hespanhola !...

« Não descubras teus hombros:—sam de néve...
não me mostres teus pés—descalço e alvo...
ai! não dances assim—rapida e lêve,
hespanhola gentil, que eu não me-salvo !...

« Dos florentes jardins d'andaluzia
és a rosa mais bella d'entre as bellas...
tens nos labios—o gosto d'ambrosia...
sam teus olhos gentis, —duas estrellas...

« Quem me déra beijar teus labios bellos,
nos braços apertar teu corpo brêve,
fazer rêde de amor dos teus cabellos,
beijar as dobras de tua roupa lêve.

« Co'a fronte em tuas mãos:—macio incosto,
os olhos nos teus olhos,—seio a seio,
sentindo a febre requeimar-me o rosto,
sonhar...morrer contigo.... em longo anceoio.

« Ai ! não dances assim, minha hespanhola....
levas-me crença....amor....minh'alma....tudo...
não cantes repicando a castanhola,
que eu morro a contemplar-te louco e mudo....

« Deixa eu calçar teu pé pequeno e lêve
co'os meus beijos de amor,—ebrio de amores...
cobre teus hombros pallidos....de neve....
derrama na minh'alma os teus ardôres.

« Vem em meus braços descansar a fronte,
dormir, sorrindo para mim que te-amoo;
sonhar os gócos d'um amor ardente
como este amor sublime em que me-inflammo...

« Vem !...te darei na terra um céu d'incanto..
—escravo-sonhadôr dos teus desejos,—
p'ra teus hombros cobrir,—em vez de manto,—
te-darei—*uma tunica de beijos*....—

« Quem pôde retratar-te ?—A mão vacilla...
é pessimo o pincel....tremulo o braço ...
batem-me as fontes....a razão oscilla....
hespanhola gentil...dá-me um abraço !... »—

Continúa

NOTICIARIO

Agradecemos as respectivas redacções
a remessa dos seguintes jornaes:

Despertador, Regeneração, Conserva-
dor, Municipio, Gazeta de Joinville, Jor-
nal de Penedo, Sapucaienze, Gazeta de
Taubaté e Esperança.

O *Despertador*, nosso distincto con-
temporaneo no seu n. 1679, de 8 do cor-
rente mez, publicou (à pedido) uma bella
poesia, escripta na Cidade do Jaguarão, da
provincia de S. Pedro do Sul, em 26 de
Março ultimo pelo Sr. Commendador
José Maria de Azevedo, e dedicada a Ex^{ma}
Sra. D. Palmyra de Mello, por occasião
do seu anniversario natalicio.

A modestia do illustre Auctor, a no-

tavel melodia dos seus versos, a morali-
dade e a expressão de sinceridade que el-
les revelão, nos animão, a felicitar res-
peitosamente a joven Senhora, que foi
delles tão digna heroína, bem como ao
illustrado Vate, á quem, não tendo
aliás a honra de conhecer pessoalmente,
ousamos aconselhar que não deixe
continuar *abandonada* a sua brilhante
harpa, que tão maviosos sons desfere.

Diz a Gazeta de Noticias:

O alumno da escola militar, Raymun-
do Frederico Por Deus, natural de Ceará,
acaba de descobrir a formula geral para
a resolução de qualquer equação de qual-
quer gráu!

O Senr. Raymundo tem apenas 19 an-
os, foi sempre considerado pelo seus
lentes e collegas uma grande vocação
mathematica.

Sorprehendidos e jubilosos pela des-

coberta, que é um grande acontecimento
scientifico, os lentes começarão já a
applicar a formula e os alumnos pro-
moverão subscripções para render ao
collega as homenagens que elle merece.

Folgaremos que a nossa informação
seja de todo exacta, porque a nossa pa-
tria por um de seus filhos, refutando
Laplace, faz jus a veneração da huma-
nidade e a gloria de concorrer para o en-
grandecimento da sciencia.

VARIETADES

Excentricidade ingleza.

Um certo inglez casando no Rio de Ja-
neiro com uma senhora que apenas sabia
o portuguez, resolveu como é alli costum-
me ir passar a lua de mel em Petropolis.

Ao subirem a serra em um dos carros
de passageiros diz o inglez á noiva:

- Menina vai bem ahi?
- Muito bem, meu amigo.
- Assenta estar molle?
- Sim, meu amigo.
- Não sentir solavancas?
- Não, meu amigo.
- Não sentir vento nos ouvidos?
- Não, meu amigo!
- Oh yess, very good, menina passa
para cá e eu vai n'esse lugar.

Tanto não podia o Papa

Um cardeal foi queixar-se ao papa Ju-
lio I que por indisposições mesquinhas,
Miguel Angelo o tinha pintado no infer-
no, no seu quadro do *Dia de Juizo*.

—Si Miguel Angelo, lhe disse o papa,
vos tivesseis pintado no purgatorio, eu po-
deria tirar-vos delle, mas como vos pin-
tou no inferno, o meu poder não chega
lá.

E lá está.

Charada

Da musica e na musica este collecti-
vo faz prodigios. 1-1-2

M. S. Lostada.

ANNUNCIO

Advogacia

Dr. João Muniz Cordeiro Tatagiba.

com Escriptorio de advogacia
e de negocios Administrativos.

Rua do Principe N. 2

(CAJUEIROS)

RIO DE JANEIRO

Typ. e Lithographia de A. Margarida
RUA DE JOÃO PINTO N.º 28